

ETNOBOTÂNICA, SABERES LOCAIS E AGRICULTURA NO CONTEXTO DE UMA FLORESTA URBANA: MACIÇO DA PEDRA BRANCA, RJ

Alessandra Costa Magalhães¹
Inês Machline Silva²
Rogério Ribeiro de Oliveira³

Abstract

The present study deals with the ethnobotanical study of a group of farmers living in Vargem Grande (Maciço da Pedra Branca, RJ). Interviews were held aiming to know how this cultural heritage is scattered among existing farmers and their families. The botanical collections were performed in the backyards of the houses and/or in areas of cultivation, according to information from participants. We identified 221 species, 172 genera and 71 botanical families, where Asteraceae and Lamiaceae stand out in number of species. The categories that stood out in number of species were medicinal (122), food (71), ornamental (34), compared with condiments (16), ritual (15), animal use (5), construction (4) and cosmetic (1). The medical category was analyzed in more detail: nine species showed CUPc values greater than 50%, indicating a high agreement about primary use. The large number of food species (locally grown or not) as well as medicinal reflects a result consistent with the reality of the social group studied: a group that lives close to the forest environment and relatively far from downtown and a large number of members performing agricultural practices.

Keywords: Atlantic Forest, environmental history, ethnobotany, home gardens

Resumo

O presente trabalho se ocupa do estudo etnobotânico de um grupo de agricultores residentes em Vargem Grande (Maciço da Pedra Branca, Rio De Janeiro, RJ). Foram feitas entrevistas visando conhecer como este legado cultural encontra-se disperso entre os atuais agricultores e seus familiares. As coletas botânicas se deram nos quintais dos moradores e/ou nos espaços de cultivo, de acordo com as informações dos participantes e acompanhados dos mesmos. Foram identificadas 221 espécies, 172 gêneros e 71 famílias botânicas com predominância de Lamiaceae e Asteraceae. As categorias de uso que sobressaíram em número de espécies foram as medicinais (122); alimentares (71); ornamentais (34) em comparação com as condimentares (16), rituais (15) entre outras. Dentre as usadas como medicinais, nove espécies apresentaram valores de CUPc (Índice de concordância de uso) maior que 50%, indicando uma alta concordância de uso principal. Esses resultados podem significar que essas espécies têm determinados usos

¹ Mestre em Geografia pela PUC-Rio. Email: alessmagalhaes@hotmail.com

² Professora Associada do Departamento de Botânica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

³ Professor Associado do Departamento de Geografia da PUC-Rio; pesquisador do CNPq. PESQUISAS, BOTÂNICA Nº 62:299-322 São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2011.

amplamente difundidos e que, aparentemente, respondem às suas necessidades. O grande número de espécies alimentares (cultivadas ou não localmente), bem como de medicinais, reflete um resultado coerente com a realidade do segmento social estudado: um grupo inserido em ambiente florestal relativamente distante de grandes centros comerciais e com elevado número de integrantes realizando práticas agrícolas propriamente ditas.

Palavras-chave: Mata Atlântica, história ambiental, etnobotânica, quintais

Introdução

A Mata Atlântica, devido à sua proximidade com o litoral, foi um dos biomas mais alterados desde o início da colonização do território nacional (Dean, 1996). A forte pressão antrópica que esses remanescentes sofreram e vêm sofrendo tem levado à perda de extensas áreas verdes, da cultura e das tradições das comunidades que habitam estas áreas, as quais dependem muitas vezes de recursos do meio para sobreviver (Fonseca & Sá, 1997). Outro fator que contribuiu para a erosão dessa cultura local foi o modelo excludente adotado no Brasil para a criação das unidades de conservação, para o qual essas populações, que habitavam dentro ou no entorno dessas áreas, constituíam uma ameaça à sua integridade (Sobrinho, 2007). As comunidades que abrigam descendentes de antigos lavradores residentes no bairro de Vargem Grande, na cidade do Rio de Janeiro, encontram-se dentro deste contexto devido ao fato de suas residências e áreas de cultivo estarem situadas em uma área abrangida pelo Parque Estadual da Pedra Branca – PEPB.

Em função dos fenômenos decorrentes da urbanização da cidade do Rio de Janeiro, das migrações internas, da massificação imposta pelos veículos de comunicação, da desvalorização do conhecimento dos mais velhos – estes dois últimos mais relacionados aos jovens – percebe-se uma tendência à perda da identidade cultural destes grupos sociais e seus respectivos conhecimentos etnobotânicos.

Quintais tropicais têm sido muitas vezes olhados como sistemas sustentáveis (Kehlenbeck & Maass, 2004; Zaldivar *et al.*, 2002). Para esses autores são considerados um sistema de produção ideal para a conservação de recursos, variando de acordo com a diversidade ecológica ou fatores sócio-econômicos e/ou características dos seus moradores. De forma geral, os quintais contêm grande biodiversidade, apresentando espécies de diferentes categorias de uso que satisfazem as necessidades básicas das pessoas. São sistemas muito diversos e dinâmicos, que podem conter variedades silvestres ou localmente adaptadas cujas maiores funções seriam a produção de subsistência e de geração de renda (Blanckaert *et al.*, 2004, Coomes & Ban, 2004, Kehlenbeck & Maass, 2004). Revelam muito da história cultural dos lugares e das decisões de manejo de espécies pelos moradores (Winklerprins, 2002). O entendimento desses ambientes pode contribuir para projetos relacionados ao desenvolvimento de áreas rurais, à conservação de espécies bem como à proteção do conhecimento tradicional.

O presente estudo foi desenvolvido no sentido de inventariar o repertório de saberes dos agricultores residentes no bairro de Vargem Grande, na cidade do Rio de Janeiro, ligados à utilização das plantas, particularmente das medicinais, cujo uso e conhecimento constituem um elemento identitário e de territorialidade. A valorização e resgate de conhecimentos é um dos caminhos para a manutenção de todo este patrimônio e os resultados que expomos se destinam a contribuir para tal fim.

Materiais e métodos

O trabalho foi realizado no Maciço da Pedra Branca, localizado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro (Figura 1). Em quase toda a sua totalidade é abrangido pelo Parque Estadual da Pedra Branca – PEPB, com 12.398 ha. A área configura-se como um remanescente de Floresta Atlântica (Floresta Ombrófila Densa Submontana), onde a paisagem apresenta-se multifragmentada e profusamente variada ao longo do litoral (Oliveira *et al.*, 2005).

A criação do PEPB, através da lei estadual nº. 2377, de 28 de junho de 1974, impôs progressivamente novas formas de uso e delimitação do espaço, que entraram em choque com as práticas tradicionalmente estabelecidas pelo grupo social estudado, os agricultores de Vargem Grande. Estes, de maneira geral, se estabeleceram há várias gerações no local (Bernardes, 1992). Em sua maioria são descendentes de lavradores portugueses que chegaram à área na década de 30; um contingente menor é formado por descendentes de escravos oriundos dos engenhos existentes no período colonial. Com a urbanização e a criação do PEPB houve mudanças significativas nas relações estabelecidas, por este grupo, com a prática agrícola. A exploração econômica da encosta do maciço da Pedra Branca migrou das roças de subsistência para os bananais. Estes se mantiveram em vastas áreas, tendo os agricultores remanescentes se adaptado à nova ordem ambiental: as queimadas foram eliminadas e o cultivo da banana assumiu um caráter semiclandestino, baseando a sua exploração mais no extrativismo do que no manejo da cultura.

A formalização da proposta de trabalho se deu a partir de sua explanação formal aos representantes da Associação de Agricultores Orgânicos de Vargem Grande (Agrovargem) presentes à reunião ocorrida no mês dezembro de 2008. Os trabalhos de campo foram iniciados através do consentimento prévio desses agricultores, tendo sido aplicadas 25 entrevistas semiestruturadas até dezembro de 2009. No levantamento etnobotânico, especificamente, participaram 17 informantes (seis homens e 11 mulheres). Os entrevistados apresentam faixa etária oscilando entre e 18 e 78 anos, todos moradores nascidos e residentes na área de estudo. Após a primeira entrevista, utilizou-se a técnica conhecida como “bola de neve” (*snowball*), indicada geralmente para uma população altamente especializada em conhecimentos etnobotânicos e de pequeno número de integrantes (Bernard, 1995; Appolinário, 2006). Dessa forma, esses indicaram outras pessoas, para a continuidade das entrevistas, e assim sucessivamente.

Optou-se por aplicar a técnica conhecida como listagem livre (*free listing*), na qual cada informante foi estimulado a citar, pelo menos, dez espécies usadas. Considera-se que as espécies mencionadas com frequência indicam um conhecimento comum entre os indivíduos, ou consenso, dentro de uma determinada cultura (Martin, 1995; Cotton, 1996).

Para o inventário de espécies úteis usadas pelos moradores de Vargem Grande, determinou-se, como área de estudo, o quintal familiar e/ou o sítio. Embora um típico quintal possa apresentar claramente uma área demarcada (cercado ou delimitada por barreiras naturais) é difícil, frequentemente, distinguir onde começa e terminam as áreas de cultivo (Kumar & Nair, 2004). Em Vargem Grande, por exemplo, o quintal foi compreendido como a área adjacente à casa, independentemente de limites físicos específicos como, por exemplo, uma cerca. Ou seja, aceitou-se como sendo quintal o próprio recorte espacial feito pelos moradores e que constitui o seu território de uso imediato. Em alguns casos arbitrou-se como limite o início da formação florestal, aqui considerada como mata. Os locais (as roças) onde são cultivados alimentos em larga escala como banana, inhame, aipim e batata são chamados pelos informantes de sítios. Estes se localizam, muitas vezes, em altitudes mais elevadas, não necessariamente próximos ou contíguos à moradia de seus donos e adjacentes aos quintais. O limite entre esses ambientes é, muitas vezes, tênue, fundamentando-se basicamente no tipo de espécie presente e na intensidade de cultivo.

As plantas foram referidas por seus nomes populares e estes foram preservados conforme menção dos informantes. As formas de preparo citados foram adaptados de Matos (2000).

As identificações botânicas foram feitas no local ou as plantas foram coletadas junto com os informantes e desidratadas em estufa para posterior depósito no Herbário da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (RBR). Para a identificação taxonômica das espécies, no laboratório, utilizaram-se chaves analíticas, bibliografia especializada, comparação com exsiccatas de herbários e, quando necessário, buscou-se o auxílio de especialistas. As Angiospermas foram classificadas de acordo com o Angiosperm Phylogeny Group (APG II, 2003); para as Gymnospermas utilizou-se o trabalho de Page (1990); para as Pteridófitas, Smith *et al.* (2006). A informação relacionada à origem das espécies foi obtida na lista de espécies da flora do Brasil (Forzza *et al.*, 2010).

Para o cálculo da porcentagem de concordância dos usos principais de cada espécie (CUP) seguiu-se Amorozo & Gély (1988). Essa metodologia aponta espécies que têm maior potencial de cura, para uma doença específica, e que merecem maiores estudos. Foram consideradas as espécies que obtiveram mais de três citações de usos. Para a contagem das citações de usos não foram levadas em consideração as variações de formas de preparo ou partes de plantas para uma mesma indicação. Para cada uso, considerou-se apenas uma citação por informante.

Foram realizados os seguintes cálculos para cada espécie:

$$\text{CUP} = (\text{ICUP} / \text{ICUE}) \times 100$$

Onde: ICUP = número de informantes citando o uso principal da espécie; ICUE = número total de informantes citando usos para a espécie.

Utilizou-se um fator de correção (FC), para cada espécie, que permite a extração de valores de importância relativos à espécie mais citada pelos informantes (CUPc) (Amorozo & Gély, 1988):

$$FC = ICUE/ICEMC$$

Onde: ICEMC = número de informantes que citaram a espécie mais citada.

O cálculo final é obtido na fórmula $CUPc = CUP \times FC$

Resultados e discussão

O número de espécies úteis indicadas pelos informantes nas entrevistas (221) é equivalente ou superior aos resultados de outras pesquisas em etnobotânica desenvolvidas em situação similar àquela encontrada no bairro de Vargem Grande, Rio de Janeiro, RJ (Amorozo, 2002; Silva & Andrade, 2005, Christo *et al.*, 2006).

As espécies encontram-se distribuídas em 172 gêneros e 71 famílias botânicas, sendo uma não identificada (Tabela 1). Destas, as que mais se destacaram em número de espécies foram Lamiaceae (21), Asteraceae (19), seguidas de Rutaceae e Fabaceae (10), Euphorbiaceae e Myrtaceae (9), bem como Malvaceae (7). Estas sete famílias somam 85 espécies, significando 38,1% do total inventariado (Figura 2).

Com relação ao hábito, as plantas herbáceas e arbóreas predominam (35% cada), seguidas dos arbustos (18,9%), trepadeiras (9,18%), epífitas (1,08%) e parasitas (0,35%). Pinto *et al.* (2006) também encontraram plantas herbáceas e arbóreas como mais utilizadas assim como Pilla *et al.* (2006).

As famílias Lamiaceae e Asteraceae têm um número grande de espécies e são encontradas tanto em regiões temperadas como nas tropicais e, além disso, são ricas em óleos voláteis e muito utilizadas na medicina popular (ou como condimentares) ao redor do mundo (Menezes & Kaplan, 1992; Bennett & Prance, 2000). As Rutaceae, Fabaceae e Myrtaceae sobressaem pelo número de alimentares cultivadas, principalmente frutíferas; Euphorbiaceae e Malvaceae são ricas em espécies e diversidade de usos.

Em relação à origem, pode-se verificar que 62 espécies são consideradas nativas e 16, além de nativas, são endêmicas do país. Nesse aspecto, a família Myrtaceae foi a que mais se destacou pela presença de muitas plantas cujos frutos fazem parte da dieta alimentar local. Por outro lado, os representantes da família Rutaceae são todos exóticos, mas muito bem aclimatados e amplamente cultivados em todo o Brasil.

Levando-se em consideração as indicações citadas pelos informantes, as categorias de uso que sobressaíram em número de espécies foram as medicinais (54,7%, n = 122); as alimentares (31,8%, n = 71) e as ornamentais (15,2%, n = 34) em comparação com as condimentares (7,1%, n = 16), as ritualísticas (6,7%, n = 15), as de uso animal (2,2%, n = 5), as usadas para construção (1,7%, n = 4) e as usadas como cosmético (0,4%, n = 1). Das 221 espécies, duas não tiveram seus usos citados.

A maioria das plantas (166) foi citada para exclusivamente uma categoria de uso, como segue: 80 espécies usadas somente como medicinais; 38 somente como alimentares; 30 como ornamentais; oito como ritualísticas; sete como condimentares; duas para construção e uma para uso animal. Das espécies citadas para duas categorias (48), as medicinais/alimentares sobressaíram, com 28 espécies. As demais se dividem em outros usos. Por fim, cinco espécies têm usos relacionados a três categorias distintas. Florentino *et al.* (2007), estudando quintais agroflorestais, em Caruaru, PE, destacaram o fato de terem encontrado também poucas espécies de múltiplos usos.

As dez espécies mais citadas foram: *Musa x paradisiaca* L. (bananeira); *Chenopodium ambrosioides* L. (erva-de-santa-maria); *Echinodorus grandiflorus* (Cham. & Schltl.) Micheli (chapéu-de-couro); *Schinus terebinthifolius* Raddi (aroeira); *Citrus aurantium* L. (laranja-da-terra); *Psidium guajava* L. (goiaba); *Citrus aurantifolia* (Christm.) Swingle (limão-galego); *Jacaranda* sp. (carobinha); *Laurus nobilis* L. (louro) e *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br. (erva-cidreira). Todas são utilizadas como medicinais, sendo que a aroeira e o louro servem também como condimento e a banana, a laranja-da-terra, a goiaba e o limão-galego foram citados na alimentação.

O grande número de espécies medicinais bem como de alimentares é coerente com a realidade do grupo social estudado - inserido em ambiente florestal relativamente distante de grandes centros comerciais - realizando práticas agrícolas propriamente ditas. Para Kumar & Nair (2004), a produção de alimento (a produção de frutos, grãos, rizomas, tubérculos, folhas, etc.) é a função básica dos quintais tropicais, em menor ou maior escala. A diversidade e número de espécies entre os locais estudados variaram, aparentemente, em função do tipo e tamanho do sítio ou quintal.

Ao se analisar a difusão de conhecimento entre gêneros, verificou-se que a média de citação geral para as espécies foi praticamente a mesma para homens (28,3 citações) e mulheres (28,1), demonstrando que o conhecimento é igualmente difundido entre o grupo. No entanto, ao se comparar a média das citações de usos em geral, bem como especificamente do número de espécies listadas, por categorias, as mulheres indicaram maior número de espécies e de citações de usos para as plantas medicinais. O maior número de mulheres entrevistadas, nessa pesquisa, deve-se ao fato de terem sido referenciadas como especialistas locais, provavelmente pelo fato de permanecerem mais tempo em casa cuidando dos quintais e responsáveis pela saúde familiar (Figuras 3 e 4).

Por outro lado, os homens indicaram mais espécies ornamentais. Na verdade, dois homens foram responsáveis por 83% das indicações, obviamente pelo fato de serem os donos dos maiores sítios visitados, contendo inúmeras espécies comercializáveis. Por fim, o elevado índice de alimentares citados pelos homens é decorrência de serem estes os responsáveis pelo cultivo destas plantas nos sítios permanecendo, geralmente, mais tempo fora de casa.

Como foi dito anteriormente, a comparação entre sítios (roças) e quintais não segue, por parte dos entrevistados, uma lógica espacialmente objetiva. Apesar de não existirem limites concretos entre esses espaços, há espécies típicas de cultivos agrícolas locais como a banana (*Musa x paradisiaca*); a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) e o inhame-chinês (*Colocasia esculenta* (L.) Schott), que são encontradas principalmente nos sítios, mas algumas vezes estão entremeadas com espécies ornamentais e/ou medicinais, encontradas geralmente mais próximas das residências.

Vale lembrar que essa região, desde o século XVII, atuou como fonte de abastecimento de produtos agrícolas para o centro urbano do Rio de Janeiro. A produção das áreas suburbanas da cidade, que simbolizava a riqueza rural das terras, escoava até Madureira, sendo que a região de Jacarepaguá guardava, segundo esses autores, “os maiores faustos da lavoura carioca”. A ocupação do solo foi intensa ainda na década de 1950 e, segundo Abreu (1957), a horticultura, nessa época, era representada por plantios situados em Jacarepaguá e Santa Cruz e era cuidada predominantemente por portugueses e japoneses.

Winklerprins (2002) discutiu a fronteira entre o rural e o urbano usando os quintais de Santarém (PA) para repensar a categorização difusa entre estes. A autora afirma existir uma rede de trocas entre os quintais rurais e urbanos ligando as pessoas. Esses satisfazem alguns dos requisitos necessários para a alimentação, cura, recreação ou experiências estéticas. Esta autora defende que os quintais podem ser compreendidos como uma zona de transição entre o rural e o urbano e também entre o agricultor tradicional e a forma de vida moderna proletária. Existem lugares, segundo a autora, em que os donos de quintais podem ser as duas coisas, como essa transição, podendo persistir sobre essas circunstâncias de alterações sócioeconômicas. Assim, também em Vargem Grande, pode se pensar que os quintais, ao contrário dos sítios, podem ser interpretados como espaços representativos de áreas em processos de urbanização, onde se cultivam espécies vegetais muito difundidas, muitas delas exóticas ornamentais e/ou medicinais que aparecem listadas, frequentemente, em levantamentos etnobotânicos similares. Além disso, deve-se levar em consideração a facilidade de cultivo dessas espécies, geralmente feito por mulheres, se comparado ao difícil manejo e tratos no plantio de grandes culturas que é feito pelos homens, nos sítios.

Das 221 espécies levantadas, 166 são cultivadas e somente 32 ocorrem espontaneamente, sendo coletadas pelos informantes em suas áreas de ocorrência. Um pequeno número delas (18) são espontâneas na região e também cultivadas, e cinco são exclusivamente adquiridas no comércio. Das cultivadas, grande parte (89) estava exclusivamente nos quintais, 53 nos sítios e uma menor proporção de espécies (31) era cultivada concomitantemente nos dois ambientes. As demais foram encontradas ocorrendo também em beiras de caminho, como ruderais, na própria mata (12), em quintais abandonados, ou na combinação de todos esses locais. O baixo número de espécies nativas cultivadas se deve possivelmente à possibilidade de uma eventual retirada clandestina, uma vez que as florestas que as abrigam se encontram nas

proximidades. Por outro lado, existe a proibição de extração imposta pela presença do Parque Estadual da Pedra Branca. De fato, em várias entrevistas, houve referência à fiscalização relacionada à proibição de coleta e de abertura de novas áreas para cultivo. Em decorrência das questões expostas, a mata não foi privilegiada como local de estudo, dando-se ênfase aos quintais.

Espécies indicadas como medicinais – Em relação às 122 espécies indicadas como medicinais, as folhas foram as partes mais citadas para a elaboração dos remédios (59,9%), seguidas da parte aérea (11,5%), frutos (8,9%), inflorescências, flores e brácteas (7,7%), cascas (5,1%), caules e raízes (2,5% cada) e ainda a planta toda e as sementes (1,2% cada). É natural que as folhas e partes aéreas sejam mais utilizadas, uma vez que as ervas são mais aproveitadas.

Para as formas de preparo, os chás (infusão ou decocto) sobressaíram com 59 % das indicações, seguidos de maceração em água (13,2%), xarope, bem como uso *in natura*, ou seja, em estado natural (8,4% cada), infusão em álcool (6%), e ainda o pó (4,8%). O uso de folhas e partes aéreas, geralmente de plantas herbáceas, consumidas em forma de chás, mostra-se extremamente comum (Silva-Almeida & Amorozo, 1988; Pinto *et al.*, 2006; Santos *et al.*, 2008). As plantas herbáceas são geralmente associadas a uso medicinal para comunidades, como lembram Stepp & Moerman (2001). Esses autores afirmam que o papel das ervas invasoras nas farmacopéias tem sido subestimado, apesar das evidências de serem importante fonte de plantas medicinais para povos indígenas e terem representação significativamente maior nas farmacopéias em relação a outros tipos de plantas. Sugerem ainda que a acessibilidade e a abundância das herbáceas invasoras podem explicar esse fato. Harborne (1993) lembra que os compostos secundários produzidos pelas ervas exercem funções ecológicas como a alelopatia, a atração de animais para a polinização e defesas contra a herbivoria sendo compostos altamente bioativos.

Como consequência da utilização dos chás, nas formas de uso (ou de administração) a oral foi a de maior destaque, com 66,6% das indicações, seguida de uso tópico (19%) e banho (9,5%). A fricção e a inalação vêm a seguir com 3,5% e 1,2% das indicações, respectivamente. O percentual elevado de uso oral aponta para o risco de a comunidade estar submetida à ingestão de plantas tóxicas ou incorretamente identificadas. Como o uso de muitas espécies não é um fato culturalmente cristalizado, ocorrendo com frequência a experimentação e mudanças nos usos e nas propriedades atribuídas, este risco é potencializado. Por exemplo, algumas informantes citaram a mídia e a troca de receitas entre vizinhos, como influenciando a medicina caseira.

A análise das espécies medicinais aponta um número elevado de táxons considerados na literatura como invasores de pastagens ou áreas perturbadas e poucas crescendo exclusivamente em ambientes florestais. Por isso, são plantas de ampla distribuição, cuja região de origem não é facilmente encontrada na literatura. As dificuldades relacionadas à detecção da origem das plantas vêm sendo parcialmente resolvidas através de pesquisas baseadas

em biologia molecular, acrescentadas de informações provenientes de morfologia, taxonomia, lingüística, antropologia e arqueologia (Doebley, 1990). Tais estudos ainda estão voltados para espécies cultivadas de maior importância comercial, principalmente as alimentares.

A importância relativa das espécies foi calculada levando-se em consideração o consenso dos informantes. Esses valores levaram em conta o número de informantes que as citaram e a concordância de usos citados. As 35 espécies que obtiveram o maior consenso de uso (CUPc), de acordo com as respostas dos informantes, estão listadas na Tabela 2.

A erva-de-santa-maria (*Chenopodium ambrosioides*) obteve 100% de consenso em relação ao uso como vermífuga. A aroeira (*Schinus terebinthifolius*) e a carobinha (*Jacaranda* sp.) vêm a seguir como cicatrizantes. Em terceiro lugar seguem a erva-cidreira (*Lippia alba*); a espinheira-santa (*Sorocea* cf. *bonplandii* (Baill.) Burger, Lanjou & W. Boer) e a sete-sangrias (*Cuphea carthagenensis* (Jacq.) J.F. Macbr.). Esta última, acompanhada de *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze (dipirona) e *Eugenia uniflora* L. (pitanga) obtiveram o CUP de 100%, o que representa forte consistência de uso. No entanto, com o fator de correção (CUPc), os valores se reduzem, indicando que foram citadas por poucos informantes. Mesmo assim obtiveram valores acima de 50%. Da mesma forma merece destaque o chapéu-de-couro (*Echinodorus grandiflorus*), citado para males dos rins. Os resultados podem significar que essas espécies têm determinados usos amplamente difundidos pelos entrevistados e que, aparentemente, respondem às suas necessidades.

No que diz respeito à segurança de uso de espécies medicinais, vale lembrar que a Resolução da Secretaria de Estado de Saúde/RJ nº 1757 de 18/02/2002, contra-indica, durante a gestação e lactação, o uso na forma oral de algumas espécies, entre elas, *Aloe vera* (L.) Burm. f., *Leonurus sibiricus* L., *Plantago major* L. e *Ruta graveolens* L., por apresentarem potencial tóxico, teratogênico e abortivo. As três primeiras são consumidas pelos informantes na forma de chás.

Todas as plantas da Tabela 2 foram encontradas como cultivadas, com exceção da erva-de-passarinho (*Struthanthus marginatus* (Desr.) Blume), planta hemiparasita muito comum e sete-sangrias (*Cuphea carthagenensis*), que ocorre em beira de caminhos. Deve-se ressaltar que espécies típicas de ambientes florestais, tais como carobinha (*Jacaranda* sp.), quina-rosa (*Simira glaziovii* (K. Schum.) Steyererm.) e espinheira-santa (*Sorocea* cf. *Bonplandii* (Baill.) Burger) são também cultivadas, o que pode demonstrar o grau de importância dessas espécies para os informantes.

A carobinha, assim como a quina-rosa merecem atenção por serem nativas de Mata Atlântica e terem poucos estudos etnofarmacológicos. Silva (2008) encontrou essas plantas sendo comercializadas nos mercados da cidade do Rio de Janeiro. A primeira é usada pela população para machucados em geral e problemas de pele, o mesmo uso dado pelos informantes de Vargem Grande. Macedo & Ferreira (2004) citam *Jacaranda brasiliana* como uma das espécies mais usadas para problemas dermatológicos em comunidades da Bacia do Alto Paraguai, Mato Grosso. Gentry (1992) relata

inúmeros usos atribuídos ao gênero *Jacaranda*, dentre esses, para curar problemas de pele; e chama atenção para a evidente importância da família Bignoniaceae para as pessoas que vivem em florestas tropicais no mundo. Da mesma forma, a quina-rosa tem sua casca vendida nos mercados e feiras livres da cidade e é muito relacionada à cura de problemas de anemia e de aparelho circulatório em geral (Silva, 2008). Os mesmos usos foram verificados em Vargem Grande.

Em relação à espinheira-santa (*Sorocea* cf. *bonplandii*), Coulaud-Cunha *et al.* (2004) chamam a atenção para o perigo do consumo dessa espécie, uma vez que é utilizada normalmente, na região sudeste, contra úlceras e gastrites, tal qual espécies de *Maytenus* na região sul do país. Os referidos autores lembram que não existem estudos conclusivos que assegurem a falta de toxicidade crônica, tornando seu uso um risco à população.

Espécies de uso alimentar - Nesta categoria foram incluídas 71 espécies. Em termos de atividade agrícola, as culturas da banana (*Musa x paradisiaca*), da mandioca (*Manihot esculenta*) e do inhame (*Colocasia esculenta*) se sobrepõem às demais. Dentre as frutíferas (43 espécies), além da banana destacam-se principalmente as Rutaceas (*Citrus* spp.) e diversas espécies de Myrtaceas, dentre as quais a jabuticaba (*Myrciaria cauliflora* (Mart.) Kausel), a grumixama (*Eugenia brasiliensis* Lam.), a cabeluda (*Myrciaria glazioviana* (Kiaersk.) G. Barroso & Sobral), o cambucá (*Plinia edulis* (O. Berg.) Nied) e o araçá (*Psidium* cf. *cattleianum* Sabine) nativas provavelmente da Mata Atlântica, mas muito cultivadas em sítios e quintais. Trata-se de um dos poucos locais de produção e comercialização destas frutíferas pouco exploradas pelo mercado consumidor do Rio de Janeiro, o que vem a conferir um grande valor social e ecológico à atividade destes agricultores.

Cultivado em quintais foi encontrado o ora-pro-nobis (*Pereskia grandiflora* Haw.), uma Cactaceae cujas folhas são utilizadas na alimentação. Merece destaque também a taioba (*Xanthosoma sagittifolium* (L.) Schott) e as fornecedoras de grãos como o feijão (*Phaseolus vulgaris* L.) e o milho (*Zea mays* L.).

Associadas às plantas alimentares estão as condimentares, especialmente as da família Lamiaceae (mentas, manjericão, alfavacas, alecrim etc.) bem como o louro, as pimentas, a aroeira, o urucum e o gengibre. A maioria destas espécies, além de utilizadas localmente são também vendidas.

No que diz respeito às ritualísticas (15 espécies), *Ruta graveolens* (arruda) e *Petiveria alliacea* L. (guiné piu-piu) foram as mais citadas. *Annona acutiflora* Mart. (guiné-preto), arvoreta típica de sub-bosque, é cultivada em quintal (e encontrada em quintais abandonados). Caules dessa espécie foram encontrados por Silva (2008) sendo comercializados no Mercado de Madureira, para serem usados, como bengalas, por “preto-velhos”. Interessante também salientar o uso religioso das vassourinhas (*Sida* spp.) por uma das informantes, que é rezadeira. Estas e outras plantas estavam cultivadas, em seu quintal, justamente para as suas práticas.

Dentre as espécies de uso em animais destaca-se a pita (*Agave americana* L.) muito citada para curar sarna (chamada localmente de lepra).

Dentre as mais indicadas para construção, a castanheira (*Pachira glabra* Pasq.) foi a mais citada para ser usada como moirão de cerca; já o pau d'água (*Dracaena fragans* Ker-Gawl.) é plantado, freqüentemente, como cerca viva para delimitar as propriedades.

Vale lembrar que, das 221 espécies levantadas, a bananeira, a aroeira, a laranja-da-terra, a goiabeira, o limão-galego e o louro estão entre as dez mais citadas, indicando que essas espécies são importantes na vida dos informantes e de seus familiares.

Considerações finais

As informações e dados obtidos nos levantamentos de campo deste trabalho apontam uma série de mudanças significativas que ocorreram na estrutura socioeconômica dos agricultores do Bairro de Vargem Grande. Essas mudanças ocorreram de forma gradativa, em especial podendo ser percebidas pela diminuição do ritmo da produção agrícola.

Existe, nessa comunidade, conhecimento empírico do mundo em que vivem e das particularidades do ecossistema regional. Isto é comprovado pelo elevado número de espécies utilizadas. Este conhecimento pode apontar caminhos mais adequados para um modelo de ocupação do espaço com base no manejo sustentável. Destacamos especificamente as práticas relacionadas ao uso popular de plantas medicinais e aos quintais como sendo o reflexo de suas necessidades e escolhas. Ao nos remetermos à localização geográfica deste grupo, região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro e uma área em crescente valorização imobiliária, o expressivo número de espécies conhecidas deve ser considerado como um indicativo de resistência cultural.

Inquestionavelmente detectamos nesta população importantes elementos sociais que fundem movimentos de resistência e territorialidades e que se configuram como de identidade cultural. Porém, o contexto em que os agricultores de Vargem Grande estão inseridos, associado ao controle do uso do espaço (a presença da unidade de conservação) confere à manutenção e sobrevivência de um grupo ancestralmente estabelecido na área desafios pertinentes à manutenção de seu estilo de vida e, conseqüentemente, de seus saberes tradicionalmente construídos.

Pelo fato de estes descendentes de lavradores se configurarem como sujeitos históricos concretos e verdadeiramente interessados nesse movimento de “desenvolver-se”, merecem ter suas peculiaridades preservadas, sendo assim eleitos como protagonistas do processo de desenvolvimento local, fundamentado dentro de uma lógica sustentável.

Agradecimentos

Os autores agradecem aos moradores do bairro de Vargem Grande, em especial aos que se dispuseram a contribuir para a realização desta pesquisa partilhando suas práticas e saberes; à Associação de Agricultores Orgânicos de Vargem Grande (AGROVARGEM); aos integrantes do Programa Profito Pedra Branca (Fundação Oswaldo Cruz - Plataforma de

Medicamento/PAF) especialmente Silvia Baptista e Sandra Magalhães e aos especialistas pela ajuda para as seguintes identificações: Begoniaceae (Eliane Jacques/UFRRJ); Pedro Germano (Rubiaceae/UFRRJ), Thiago Amorim (Asteraceae/UFRRJ) e Lana Sylvestre (Pteridófitas/UFRRJ).

Referências bibliográficas

- ABREU, S.F. 1957. *O Distrito Federal e seus recursos naturais*. Rio de Janeiro: IBGE, 318p.
- AMOROZO, M.C.M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT. *Acta Botânica Brasileira* 16(2): 189-203.
- AMOROZO, M.C.M. & GÉLY. 1988. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica* 1(4): 47-131.
- APG (Angiosperm Phylogeny Group) II. 2003. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for orders and families of flowering plants: APG II. *Botanical Journal of the Linnean Society* 141: 399-436.
- APPOLINÁRIO, F. 2006. *Metodologia da ciência. Filosofia e prática da pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 209p.
- BENNETT, B.C.; PRANCE, G.T. 2000. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of northern South America. *Economic Botany* 54(1): 90-102.
- BERNARD, H.R. 1995. *Research methods in Anthropology. Qualitative and quantitative approaches*. 2^o ed. London: AltaMira Press, 803p.
- BERNARDES, N. 1992. Notas sobre a ocupação humana da montanha no estado da Guanabara In: ABREU, M. A. (org.). *Natureza e sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Iplam. *Coleção Biblioteca Carioca* 21: 259-284.
- BLANCKAERT, I.; SWENNEN, R.L.; PAREDES FLORES, M.; ROSAS LÓPEZ, R. & LIRA SAADE, R. 2004. Floristic composition, plant uses and 83 management practices in homegardens of San Rafael Coxcatlán, Valley of Tehuacán-Cuicatlán, Mexico. *Journal of Arid Environments* 57: 39-62.
- CHRISTO, A.; GUEDES-BRUNI, R.R & FONSECA-KRUEL, V.S. 2006. Uso de recursos vegetais em comunidades rurais limítrofes à Reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, Rio de Janeiro: um estudo de caso na Gleba Aldeia Velha. *Rodriguésia* 57(3): 529-542.
- COOMES, O.T. & BAN, N. 2004. Cultivated plant species diversity in home gardens of an Amazonian peasant village in Northeastern Peru. *Economic Botany* 58(3): 420-434.
- COTTON C.M. 1996. *Ethnobotany. Principles and Applications*. England: John Wiley & Sons Ltda. 424p.
- COULAUD-CUNHA, S., OLIVEIRA, R.S. & WAISSMANN, W. 2004. Venda livre de *Sorocea bonplandii* Bailon como Espinheira-Santa no Município do Rio de Janeiro, RJ. *Revista Brasileira de Farmacognosia* 4 (supl. 1): 51-53.
- DEAN, W. 1996. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras. 484p.
- DOEBLEY, J. 1990. Molecular evidence and the evolution of maize. *Economic Botany* 44(3): 6-29.
- FLORENTINO, A.T.N.; ARAÚJO, E.L. & ALBUQUERQUE, U.P. 2007. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. *Acta Botânica Brasileira* 21(1): 37-47.
- FONSECA, V.S.; SÁ, C.F.C. 1997. Situación de los estudios etnobotánicos en ecosistemas costeros de Brasil. In: M. Rios & H.B. Pedersen (eds.). *Uso y manejo de recursos vegetales. Memorias del II Simposio Ecuatoriano de Etnobotánica y Botánica Económica*, p. 57-81.
- FORZZA, R.C.; LEITMAN, P.M.; COSTA, A.F.; CARVALHO Jr., A.A.; PEIXOTO, A.L.; WALTER, B.M.T.; BICUDO, C.; ZAPPI, D.; COSTA, D.P.; LLERAS, E.; MARTINELLI, G.; LIMA, H.C.; PRADO, J.; STEHMANN, J.R.; BAUMGRATZ, J.F.A.; PIRANI, J.R.; SYLVESTRE, L.; MAIA, L.C.; LOHMANN, L.G.; QUEIROZ, L.P.; SILVEIRA, M.; COELHO, M.N.; MAMEDE, M.C.; BASTOS, M.N.C.; MORIM, M.P.; BARBOSA, M.R.; MENEZES, M.; HOPKINS, M.; SECCO, R.;

- CAVALCANTI, T.B.; SOUZA, V.C. 2010. *Lista de espécies da flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.
- GENTRY, A.H.A., 1992. Synopsis of Bignoniaceae ethnobotany and economic botany. *Annals of the Missouri Botanical Garden* 79(1): 53-64.
- HANAZAKI, N.; SOUZA, V.C. & RODRIGUES, R.R. 2006. Ethnobotany of rural people from the boundaries of Carlos Botelho State Park, São Paulo State, Brazil. *Acta Botânica Brasileira* 20(4): 899-909.
- HARBORNE, J.B. 1993. *Introduction to Ecological Biochemistry*. 4^a ed., London: Harcourt Brace and Company. 318p.
- INSTITUTO PEREIRA PASSOS. 1999. Base digitalizada do Município do Rio de Janeiro – Escala 1:10.000. Rio de Janeiro, IPP, v.1. CD ROM.
- KEHLENBECK, K. & MAASS, B.L. 2004. Crop diversity and classification of homegardens in Central Sulawesi, Indonesia. *Agroforestry Systems* 63: 53-62.
- KUMAR, B.M. & NAIR, P.K.R. 2004. The enigma of tropical homegardens. *Agroforestry Systems* 61: 135-152.
- MACEDO, M.; FERREIRA, A.R. 2004. Plantas medicinais usadas para tratamentos dermatológicos em comunidades da Bacia do Alto Paraguai, Mato Grosso. *Revista Brasileira de Farmacologia* 14 (supl. 1): 40-44.
- MARTIN, G.J. 1995. *Etnobotânica. Manual de Métodos*. Kew: WWF/UNESCO/Royal Botanical Gardens, Série Pueblos y Plantas.
- MATOS, F.J.A. 2000. Plantas medicinais. Guia de seleção e emprego de plantas usadas em fitoterapia no nordeste do Brasil. 2^a Ed. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC.
- MENEZES, F.S. & KAPLAN, M.A.C. 1992. Plantas da subfamília Ocimoideae utilizadas na medicina popular: Etnofarmacologia vs. Química. *Revista Brasileira de Farmácia* 73(2): 30-31.
- OLIVEIRA, R.R.; SILVEIRA, C.L.P.; MAGALHÃES, A.C. & FIRME, R.P. 2005. Ciclagem de metais pesados na serapilheira de uma floresta urbana no Rio de Janeiro. *Floresta e Ambiente* 12: 50-56.
- PAGE, C.N. 1990. Gymnosperms: Ginkgoatae. In: Kramer, K. U. & Green, P. S. (Orgs.) *The Families and Genera of Vascular Plants. I. Pteridophytes and Gymnosperms*. Berlin: Springer-Verlag, p.284-289.
- PATZLAFF, R.G. 2007. *Estudo etnobotânico de plantas de uso medicinal e místico na comunidade da Capoeira Grande, Pedra de Guaratiba, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Botânica, Escola Nacional de Botânica Tropical, do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro – JBRJ. (Dissertação de mestrado).
- PINTO, E.P.P.; AMOROZO, M.C.M. & FURLAN, A. 2006. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA. *Acta Botanica brasileira* 20(4): 751-762.
- PILLA, M.A.C.; AMOROZO, M.C.M. & FURLAN, A. 2006. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martins Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP. *Acta Botanica brasileira* 20(4): 789-802.
- SANTOS, J.F.L.; AMOROZO, M.C. & MING, L.C. 2008. Uso popular de plantas medicinais na comunidade de Vargem Grande, Município de Natividade da Serra, SP. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* 10(3): 67, 81.
- SILVA-ALMEIDA, M.F. & AMOROZO, M.C.M. 1998. Medicina popular no Distrito de Ferraz, Município de Rio Claro, Estado de São Paulo. *Brazilian Journal of Ecology* 2: 36-46.
- SILVA, I.M. 2008. *A etnobotânica e a medicina popular em mercados na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Botânica, Escola Nacional de Botânica Tropical, do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro – JBRJ. (Tese de doutorado).
- SILVA, A.J.R & ANDRADE, L.H.C. 2005. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. *Acta Botânica Brasileira* 19(1): 45-60.

- SMITH, A.R.; RYER, K.M.; SCHUETTPELZ, E.; KORALL, P.; SCHNEIDER, H. & WOLF, P. G. 2006. Classification for extant ferns. *Táxon* 55(3): 705-713.
- SOBRINHO, F.A.P. 2007. *Conhecimento etnobotânico de mateiros residentes no entorno de Unidades de Conservação no estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Botânica, Escola Nacional de Botânica Tropical, do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro – JBRJ. (Dissertação de mestrado).
- SOUZA, V.C. & LORENZI, H. 2005. *Botânica Sistemática. Guia ilustrado para identificação de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II*. Nova Odessa: Instituto Plantarum.
- STEPP, J.R.; MOERMAN, D.E. 2001 The importance of weeds in ethnopharmacology. *Journal of Ethnopharmacology* 75:19-23.
- WINKLERPRINS, A.M.G.A. 2002. House-lot gardens in Santarém, Pará, Brazil: Linking rural with urban. *Urban Ecosystems* 6: 43-65.
- ZALDIVAR, M.E.; ROCHA, O.J.; CASTRO, E. & BARRANTES, R. 2002. Species diversity of edible plants grown in homegardens of Chibchan amerindians from Costa Rica. *Human Ecology* 30(3): 301-316.

Tabela 1: Relação das espécies registradas nas entrevistas realizadas no bairro de Vargem Grande, RJ nos anos 2008/2009. As espécies estão organizadas em ordem alfabética das famílias e seguidas dos nomes populares, categorias de uso, procedência e formas de manejo. As espécies seguidas de um asterisco são nativas. Dois asteriscos significam que, além de nativas, são endêmicas do Brasil.

Categorias de uso: al. = alimentar; cond. = condimentar; const. = construção; cos = cosmética; med. = medicinal; orn. = ornamental; rit. = ritualística, uan = uso animal. Formas de manejo: c/e = cultivada/ espontânea.

família/ espécie	nome popular	uso	procedência	c/e
ACANTHACEAE				
<i>Pachystachys lutea</i> Ness*	camarão	orn	sítio	c
ADOXACEAE				
<i>Sambucus nigra</i> L.	sabugueiro	med	quintal/sítio	c
AGAVACEAE				
<i>Agave americana</i> L.	pita	orn	sítio	c
<i>Cordilyne terminalis</i> Kunth.	dracena	orn	sítio	c
<i>Furcraea gigantea</i> Vent.	pita	orn/uan	quintal	c
ALISMATACEAE				
<i>Echinodorus grandiflorus</i> * (Cham. & Schtdl.) Micheli	chapeú-de-couro	med	sítio	c
ALLIACEAE				
<i>Allium cepa</i> L.	cebola	med	comércio	
<i>Allium sativa</i> L.	alho	med	comércio	
AMARANTHACEAE				
<i>Alternanthera brasiliana</i> * (L.) Kuntze	dipirona, terramicina, erva-botão	med	ruderal	c
<i>Chenopodium ambrosioides</i> * L.	erva-de-santa- maria	med	quintal	c
Amaranthaceae sp1	novalgina	med	quintal	c
Amaranthaceae sp2	mussambê		quintal	c
ANACARDIACEAE				
<i>Anacardium occidentale</i> * L.	cajú	al	sítio	c
<i>Mangifera indica</i> L.	mangueira	al/med	quintal	c
<i>Schinus terebinthifolius</i> * Raddi	aroeira	cond/med	quintal/sítio	c
<i>Spondias mombin</i> *L.	cajá	al/med	quintal	c

família/ espécie	nome popular	uso	procedência	c/e
<i>Spondias purpurea</i> L.	ceriguela	al	quintal	c
ANNONACEAE				
<i>Annona acutiflora</i> ** Mart.	guiné	rit	quintal abandonado	c/e
<i>Annona muricata</i> L.	graviola	al/med	quintal/sítio	c
APIACEAE				
<i>Eryngium foetidum</i> L.	coentro	al/cond	ruderal	e
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	erva-doce	med	quintal	c
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Nym	salsa	al/med	comércio	c
APOCYNACEAE				
<i>Geissospermum laeve</i> (Vell.) Miers	pau-pereira	med	mata	e
<i>Nerium oleander</i> L.	beijo	med/orn	quintal/sítio	c
<i>Plumeria rubra</i> L.	jasmim-manga	orn	quintal	c
ARACEAE				
<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	inhame	al/med	quintal/sítio	c
<i>Dieffenbachia seguine</i> * (Jacq.) Schott	comigo-ninguém-pode	orn/rit	sítio	c
<i>Xanthosoma sagittifolium</i> * (L.) Schott	taioaba	al/med	quintal/sítio	c
ARALIACEAE				
<i>Schefflera arboricola</i> (Hay.) Merr.	sheflera	orn	quintal	c
ARAUCARIACEAE				
<i>Araucaria angustifolia</i> * (Bert.) Kuntze	araucária	orn	sítio	c
ARECACEAE				
<i>Acrocomia aculeata</i> * (Jacq.) Lodd. ex Mart.	iriri	al	sítio	c
<i>Cocos nucifera</i> L.	côco	al/med	sítio	c
<i>Dypsis decary</i> (Jum.) Beentje & J. Dransf.	palmeira -triangular	orn	sítio	c
<i>Dypsis lutescens</i> (Wendl.) Beentje & Dransf.	areca	orn	sítio	c
<i>Euterpe oleracea</i> * Mart.	açaí	al	sítio	c
ARISTOLOCHIACEAE				
<i>Aristolochia</i> sp. 1	cipó-mil-homem	méd/rit	quintal	c
ASPHODELACEAE				
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	babosa	cos/med	sítio	c
ASTERACEAE				
<i>Achillea millefolium</i> L.	macelinha	med	quintal	c
<i>Acmella oleracea</i> * (L.) R.K. Jansen	jambu	med	quintal	c/e
<i>Ageratum conyzoides</i> * L.	erva-de-são-joão	med	ruderal	e
<i>Artemisia vulgaris</i> L.	erva-de-são-joão; pronto-álvio	med	quintal/sítio	c
<i>Artemisia</i> sp. 1	losna	med	quintal	c
<i>Baccharis crispa</i> * Spreng.	carqueja	med	quintal	c
<i>Bidens pilosa</i> L.	picão	med	quintal	c/e
<i>Chromolaena maximillianii</i> * (Schrad ex DC.) R.M. King & Rob.	arnica-do-mato,	med	ruderal	e
<i>Cichorium intybus</i> L.	almeirão	al/mes	comércio	
<i>Dhalia</i> sp.	dália	orn	sítio	c
<i>Elephantopus mollis</i> Kunth	erva-grossa	med	ruderal	e
<i>Emilia sonchifolia</i> * (L.) DC	serralha	med/uan	ruderal	e
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> * (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	boldo	med	quintal	c
<i>Melampodium divaricatum</i> * (Rich.) DC	colodema	orn	quintal	c

família/ espécie	nome popular	uso	procedência	c/e
<i>Mikania</i> sp.1	guaco	med	quintal	c
<i>Solidago chilensis</i> * Meyen	arnica	med	quintal	c
<i>Sonchus oleraceus</i> * L.	serralha	med	quintal	e
<i>Vernonia</i> sp. 1	assapeixe	med	quintal/mata	c/e
Asteraceae Indet.1	camomila	med	quintal	c
BALSAMINACEAE				
<i>Impatiens balsamina</i> L.	beijo	orn	quintal	c
BEGONIACEAE				
<i>Begonia cocinea</i> ** Hook	begonia	orn	quintal	c
<i>Begonia</i> sp.	begonia	orn	quintal	c
BIGNONIACEAE				
<i>Crescentia amazonica</i> * Ducke.	purunga	al/ritual	quintal	c
<i>Jacaranda</i> sp.	carobinha	med	quintal/ mata/sítio	c/e
<i>Sparattosperma leucanthum</i> * (Vell.) K. Schum.	cinco-chagas	med	mata	e
<i>Tabebuia</i> sp.1	ipê-amarelo		mata	e
<i>Tabebuia</i> sp.2	ipê-roxo	med	mata	e
BIXACEAE				
<i>Bixa orellana</i> * L.	urucum	al/cond/m ed/orn	quintal/sítio	c
BORAGINACEAE				
<i>Symphytum officinale</i> L.	confrei	med	quintal	c
BRASSICACEAE				
<i>Brassica oleracea</i> L.	couve	al	sítio	c
<i>Rorippa nasturtium-aquaticum</i> (L.) Hayek	agrião	med	comércio	c
CACTACEAE				
<i>Cereus</i> sp.	cacto gigante	orn	quintal	c
<i>Pereskia grandifolia</i> ** Haw	ora-pro-nobis	al	quintal abandonado	c
CARICACEAE				
<i>Carica papaya</i> L.	mamão	al/med	quintal/sítio	c
CONVOLVULACEAE				
<i>Cuscuta racemosa</i> * Mart.	cipó-chumbo	med	ruderal	e
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	batata-doce	al/rit	quintal	c
CUCURBITACEAE				
<i>Cayaponia</i> sp.1	abóbora-danta	uan	mata	e
COSTACEAE				
<i>Costus spiralis</i> * (Jacq.) Roscoe	cana-do-brejo	med	quintal/sítio	c
CRASSULACEAE				
<i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews)Haw.	saião	med	quintal	c
CUCURBITACEAE				
<i>Cucumis anguria</i> * L.	maxixe	al	sítio	c
<i>Cucurbita pepo</i> L.	cambuquira	med	sítio	c
<i>Momordica charantia</i> * L.	melão-de-são- caetano	med	quintal/ ruderal	c/e
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) sw.	chuchú	al/med	quintal	c
CYCADACEAE				
<i>Cycas revoluta</i> Thunb.	sagú	orn	sítio	c
DIOSCORIACEAE				
<i>Dioscoria alata</i> L.	cará	al	quintal	c
<i>Dioscoria</i> sp.	caramoela	al	quintal	c
EBENACEAE				
<i>Diospyrus kaki</i> L.	caqui	al	sítio	c
EQUISETACEAE				

família/ espécie	nome popular	uso	procedência	c/e
<i>Equisetum</i> sp.	cavalinha	med	quintal	c
EUPHORBIACEAE				
<i>Acalypha hispida</i> Willd.	rabo-de-macaco	orn	quintal	c
<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) A. Juss.	cróton	orn	sítio	c
<i>Euphorbia prostrata</i> * Aiton	quebra-pedra	med	quintal	e
<i>Jatropha curcas</i> * L.	pinhão-roxo	orn	sítio	c
<i>Jatropha gossypifolia</i> * L.	pinhão-roxo	med	sítio	c
<i>Joannesia princeps</i> ** Vell.	andaassu	med	mata	e
<i>Manihot esculenta</i> * Crantz	mandioca	al	quintal/sítio	c
FABACEAE				
<i>Bauhinia forficata</i> * Link	pata-de-vaca	med	quintal/mata	c/e
<i>Bauhinia</i> sp.1	pata-de-vaca	med	mata	e
<i>Desmodium adscendes</i> * (Sw.) DC.	amor-do-campo	med	quintal	e
<i>Dioclea violaceae</i> * Mart. ex Benth.	olho-de-boi	rit	sítio	c
<i>Libidibia ferrea</i> ** (Mart. ex Tul.)L.P.Queiroz	pau-ferro	orn	sítio	c
<i>Phanera microstachya</i> * (Raddi) L.P.Queiroz	escada-de-onça	med	mata	e
<i>Mimosa pudica</i> * L.	dormideira	med	ruderal	e
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	feijão	al	sítio	c
<i>Senna occidentalis</i> * (L.) Link	fedegoso	med	sítio	c
Fabaceae Indet. 1	bangalô	med	quintal	c
IRIDACEAE				
<i>Gladiolus</i> sp.	palma-de-santa-rita	orn	quintal	c
LAMIACEAE				
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	cordão-de-frade	med	quintal	c/e
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	macaé	med	quintal	c/e
<i>Mentha x piperita</i> L. var. <i>citrata</i> (Ehrh.)Briq.	elevante	rit	quintal	c
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	med	quintal	c
<i>Mentha spicata</i> L.	hortelã	med	quintal	c
<i>Mentha</i> cf. <i>suaveolens</i> Ehrh.	mentha	cond	quintal	c
<i>Ocimum americanum</i> L.	manjericão	cond/me d	quintal	c
<i>Ocimum</i> cf. <i>americanum</i> L.	manjericão	cond/me d	quintal	c
<i>Ocimum campechianum</i> * Mill.	alfavaquinha, alfavaca- miúda	cond/me d	quintal	c
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	alfavacão	med	quintal	c
<i>Ocimum carnosum</i> * (Spreng,)Link & Otto ex Benth.	anis	al/med	quintal	c
<i>Ocimum</i> sp.	alfavacão	med	quintal	c
<i>Origanum vulgare</i> L.	manjerona	cond	comércio	
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	hortelã-pimenta	al/cond/ med	quintal	c
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	boldo	med	sítio	c
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	cond/me d	quintal	c
<i>Salvia officinalis</i> L.	salvia	cond	quintal	c
<i>Solenostemum scutellatioides</i> (L.) Lodd.	tapete	orn	sítio	c
<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd.	mirra	med/rit	quintal	c
Lamiaceae Indet. 1	melissa-cidreira	med	quintal	c
Lamiaceae Indet. 2	alfavaca-miuda	al/med	quintal	c
LAURACEAE				

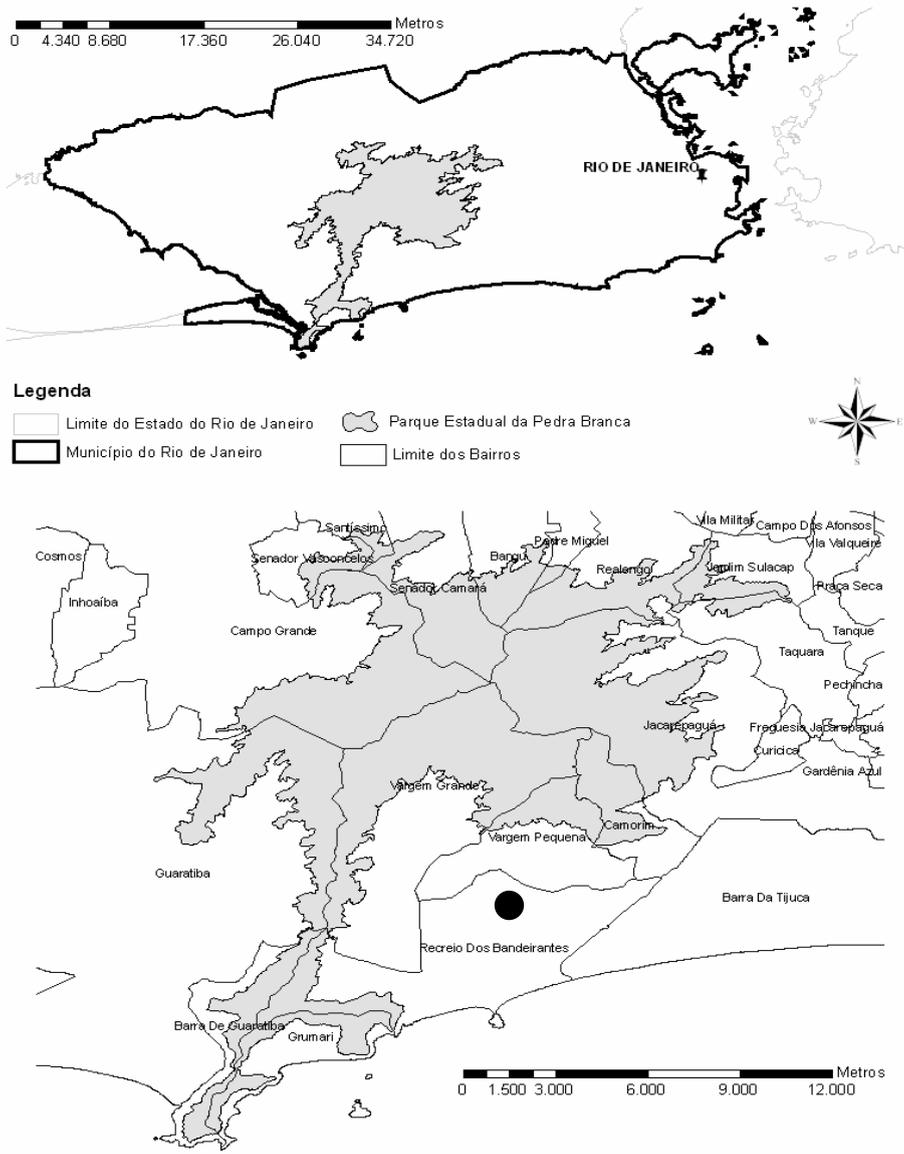
família/ espécie	nome popular	uso	procedência	c/e
<i>Cinnamomum verum</i> J. Presl	canela	med	quintal/sítio	c
<i>Laurus nobilis</i> L.	louro	cond/me d/rit	quintal/sítio	c
<i>Ocotea</i> sp.	canela		mata	e
<i>Persea americana</i> Mill.	abacate	al/med	quintal/sítio	c
LORANTHACEAE				
<i>Struthanthus marginatus</i> * (Desr.) Blume	erva-de-passarinho	med	quintal	e
LYGODIACEAE				
<i>Lygodium volubile</i> * Sw.	abre-caminho	rit	mata	e
LYTHRACEAE				
<i>Cuphea carthagenensis</i> ** (Jacq.) J.F. Macbr.	sete-sangrias	med	ruderal	e
MALPIGHIACEAE				
<i>Bunchosia armeniaca</i> (Cav.) DC	ameixa-vermelha	al	quintal	c
<i>Malpighia emarginata</i> Sessé & Moc.	acerola	al/med	quintal/sítio	c
MALVACEAE				
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	quiabo	al	sítio	c
<i>Ceiba speciosa</i> * (A.St.-Hil.) Ravena	paineira	med	mata	e
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	algodão	med	sítio	c
<i>Pachira glabra</i> Pasq.	castanheira	al/ const/uan	mata/sítio	c/e
<i>Sida planicaulis</i> Cav..	vassourinha	med/rit	quintal	c
<i>Sida rhombifolia</i> * L.	vassourinha	med/rit	quintal	c
<i>Theobroma cacao</i> * L.	cacao	al	sítio	c
MARANTHACEAE				
<i>Maranta arundinaceae</i> L.	araruta	al	quintal	c
MELIACEAE				
<i>Guarea guidonea</i> * (L.) Sleumer	carrapeta	const	mata	e
MORACEAE				
<i>Artocarpus altilis</i> (Parkinson) Fosberg	fruta-pão	al	sítio	c
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	jaca	al	quintal/sítio	c
<i>Ficus carica</i> L.	figo	al	comércio	
<i>Morus nigra</i> L.	amora	al/med	quintal	c
<i>Sorocea</i> cf. <i>bonplandii</i> * (Baill.) Burger, Lanjou & W. Boer	espinheira-santa	med	quintal/mata	c/e
MUSACEAE				
<i>Musa x paradisiaca</i> L.	bananeira	al/med	sítio	c
MYRTACEAE				
<i>Eugenia brasiliensis</i> ** Lam.	grumixama	al	quintal/sítio	c
<i>Eugenia uniflora</i> * L.	pitanga	al/med	quintal/sítio	c
<i>Plinia cauliflora</i> ** (Mart.) Kausel	jaboticaba	al	quintal/sítio	c
<i>Myrciaria glazioviana</i> ** (Kiaersk.) G. Barroso & Sobral	cabeluda, cabeludinha	al	quintal/sítio	c
<i>Plinia edulis</i> ** (O. Berg.) Nied	cambucá	al/med	quintal/mata/ sítio	c
<i>Psidium</i> cf. <i>cattleianum</i> ** Sabine	araça	al	sítio	c
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	al/med	quintal	c
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	cravo-da-índia	med	comércio	c
<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	jambo	al/med	quintal/sítio	c
OXALIDACEAE				
<i>Averrhoa carambola</i> L.	carambola	al/med	quintal	c

família/ espécie	nome popular	uso	procedência	c/e
PASSIFLORACEAE				
<i>Passiflora alata</i> * Dryand	maracujá-doce	al	mata	e
<i>Passiflora</i> sp.	maracujá	al/med	quintal	c
PHYLLANTHACEAE				
<i>Phyllanthus acidus</i> (L.) Skeels	groselha	al	quintal	c
<i>Phyllanthus tenellus</i> * Roxb.	quebra-pedra	med	quintal	c
PHYTOLACCACEAE				
<i>Gallesia integrifolia</i> ** (Spreng.) Harms	pau-d'alho	med	quintal	c
<i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné pi-piu	rit	ruderal	e
PIPERACEAE				
<i>Peperomia pellucida</i> * (L.) HBK	erva-de-jabuti	al/rit	quintal	c
<i>Piper mollicomum</i> ** Kunth	aperta- ruão	med	quintal	c/e
<i>Piper nigrum</i> L.	pimenta-do-reino	cond	sítio	c
<i>Piper umbellatum</i> * L.	padiparoba	med	quintal	c
<i>Piper</i> sp. 1	jaborandi	med	ruderal	c/e
<i>Piper</i> sp. 2	vence-demanda	rit	ruderal	e
PLANTAGINACEAE				
<i>Plantago australis</i> * Lam	transagem	med	quintal/ ruderal	c/e
<i>Plantago major</i> L.	transagem	med	quintal/ ruderal	c/e
POACEAE				
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	capim- cidreira;capim- limão	med	quintal	c
<i>Cynodon dactylon</i> * (L.) Pers.	pé-de-galinha	med	quintal	e
<i>Saccharum officinarum</i> L.	cana-de-açúcar	al	quintal/sítio	c
<i>Zea mays</i> L.	milho	al	quintal/sítio	c
POLYPODIACEAE				
<i>Platycerium bifurcatum</i> (Cav.) Chr.	chifre-de-veado	orn	quintal	c
PTERIDACEAE				
<i>Adiantum raddianum</i> * C. Presl	avenca	orn	quintal	c
PUNICACEAE				
<i>Punica granatum</i> L.	romã	med	quintal	c
ROSACEAE				
<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	ameixa	al	quintal	c
<i>Rosa</i> sp. 1	rosa-branca	med/orn	quintal	c
<i>Rosa</i> sp. 2	roseira	orn	quintal	c
RUBIACEAE				
<i>Coffea arabica</i> L.	café	al	quintal	c
<i>Genipa americana</i> * L.	jenipapo	al	quintal	c
<i>Simira glaziovii</i> ** (K. Schum.) Steyerl.	quina- rosa	med	quintal/mata	c/e
RUSCACEAE				
<i>Dracaena fragans</i> Ker-Gawl.	dracena; pau- d'água	orn	sítio	c
<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort. ex Pain	espada-de-são- jorge	orn	sítio	c
RUTACEAE				
<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	limão-galego	al/med	quintal/sítio	c
<i>Citrus aurantium</i> L.	laranja-da-terra	al/med	quintal/sítio	c
<i>Citrus latifolia</i> Tanaka	limão-tahiti	al	sítio	c
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	limão-verdadeiro	al	sítio	c
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	tangerina	al/med	sítio	c
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	laranja-bahia;	al	sítio	c

família/ espécie	nome popular	uso	procedência	c/e
	laranja-lima; laranja-seleta			
<i>Citrus</i> sp. 1	tanja	al	sítio	c
<i>Citrus</i> sp. 2	lima-da-pérsia	al	sítio	c
<i>Murraya paniculata</i> (L.) Jack	murta	med/orn	sítio	c
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	rit	sítio	c
SAPINDACEAE				
<i>Cupania oblongifolia</i> **Mart.	cabo-de- enxada;camboatá	const.	mata	e
SAPOTACEAE				
<i>Chrysophyllum oliviforme</i> subsp. <i>oliviforme</i> (Lam.) T.D.Penn	abiu-roxo	al	sítio	c
<i>Manilkara zapota</i> (L.) P. Royen	sapoti	al	quintal/sítio	c
<i>Pouteria caimito</i> * (Ruiz & Pavon.) Radlk.	abiu	al/med	quintal/sítio/ mata	c
SAXIFRAGACEAE				
<i>Hydrangea macrophylla</i> Serv.	hortênciã	orn	quintal	c
SOLANACEAE				
<i>Brunfelsia uniflora</i> * (Pohl.) G. Don	manacá	orn	sítio	c
<i>Capsicum annuum</i> * L.	pimenta-de-cheiro; dedo-de-moça	cond.	quintal	c
<i>Capsicum frutescens</i> L.	pimenta malagueta	cond.	quintal	c
<i>Solanum argenteum</i> ** Dunal	erva-prata	rit	sítio/ruderal	c/e
<i>Solanum paniculatum</i> * L.	jurubeba	med	ruderal	e
<i>Solanum tuberosum</i> L.	batata-inglesa	al	comércio	c
URTICACEAE				
<i>Cecropia</i> sp.	embaúba-branca	med	mata	e
VERBENACEAE				
<i>Duranta repens</i> L. var. <i>aurea</i> Hort.	pingo-de-ouro	orn	quintal	c
<i>Lippia alba</i> * (Mill.)N.E.Br.	erva-cidreira	med	quintal/sítio	c
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> * (Rich.) Vahl	gervão	med	quintal/ ruderal	c/e
VITACEAE				
<i>Cissus verticillata</i> * (L.) Nicholson & C.E.Jarvis	insulina	med	ruderal	e
<i>Vitis vinifera</i> L.	uva	al	sítio	c
ZINGIBERACEAE				
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) Burt & Smith	colônia	med/orn	sítio/quintal	c
<i>Curcuma longa</i> L.	curcuma	cond/me d	quintal	c
<i>Curcuma</i> sp.	açafrão	cond	sítio	c
<i>Zingiber officinalis</i> Roscoe	gengibre	med	quintal	c
FAMÍLIA INDET.	insulina	med	quintal	c

Tabela 2: Porcentagem de concordância quanto ao(s) uso(s) principal(ais). Espécies de uso medicinal citadas por três ou mais indicações. ICUP- nº. de informantes que citaram o uso principal da espécie; ICUE- número total de informantes citando usos para a espécie; CUP- Índice de concordância de uso; FC- fator de correção; CUPc- CUP corrigido.

Nome científico	uso principal	ICUP	ICUE	CUP	FC	CUPc
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	vermífuga	7	7	100,0	1,0	100,0
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	cicatrizante	6	7	85,7	1,0	85,7
<i>Jacaranda</i> sp.	cicatrizante	6	7	85,7	1,0	85,7
<i>Lippia alba</i> N.E. Br.ex P. Wilson	calmante	5	7	71,4	1,0	71,4
<i>Sorocea</i> cf. <i>bonplandii</i> (Baillon) Burger, Lanjou & W. Boer	estômago	5	6	83,3	0,9	71,4
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr.	pressão alta	5	5	100,0	0,7	71,4
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	febre	4	4	100,0	0,6	57,1
<i>Eugenia uniflora</i> L.	febre	4	4	100,0	0,6	57,1
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltdl.) Micheli	rins	4	6	66,7	0,9	57,1
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	fígado	3	5	60,0	0,7	42,9
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	gripe	3	7	42,9	1,0	42,9
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl.	resfriado	3	3	100,0	0,4	42,9
<i>Citrus aurantium</i> L.	resfriado	3	4	75,0	0,6	42,9
<i>Plantago major</i> L.	inflamação	3	4	75,0	0,6	42,9
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	dor muscular	3	3	100,0	0,4	42,9
<i>Symphytum officinale</i> L.	cicatrizante	3	4	75,0	0,6	42,9
<i>Mentha pulegium</i> L.	expectorante	3	3	100,0	0,4	42,9
<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) Blume	expectorante	3	3	100,0	0,4	42,9
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	colesterol	2	2	100,0	0,3	28,6
<i>Persea americana</i> Mill.	reumatismo	2	2	100,0	0,3	28,6
<i>Annona muricata</i> L.	diabetes	2	2	100,0	0,3	28,6
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	diarréia	2	4	50,0	0,6	28,6
<i>Piper mollicomum</i> Kunth	cicatrizante	2	2	100,0	0,3	28,6
<i>Solanum tuberosum</i> L.	dor de cabeça	2	2	100,0	0,3	28,6
<i>Zingiber officinalis</i> Roscoe	gargante	2	2	100,0	0,3	28,6
<i>Laurus nobilis</i> L.	estômago	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Musa x paradisiaca</i> L.	expectorante	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Rosa</i> sp. 1	inflamação	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	resfriado	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Bixa orellana</i> L.	diabetes	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Momordica charantia</i> L.	resfriado	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	erisipela	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Vernonia</i> sp. 1	gripe	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) Burt & Smith	sinusite	1	1	100,0	0,1	14,3
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Staff	calmante	1	3	33,3	0,4	14,3



Fonte: IPP, 1999.

Figura 1: Localização do Parque Estadual da Pedra Branca; no detalhe os bairros que o compõe - ao centro Vargem Grande, Rio de Janeiro, RJ. Fonte: IPP, 1999.

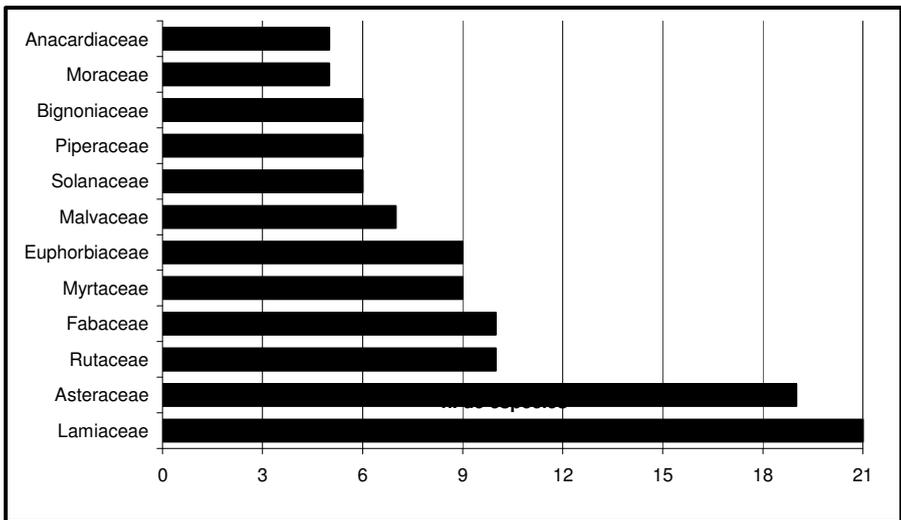


Figura 2: Famílias botânicas mais representativas em número de espécies, indicadas como úteis pelos informantes do bairro de Vargem Grande, Rio de Janeiro, RJ.

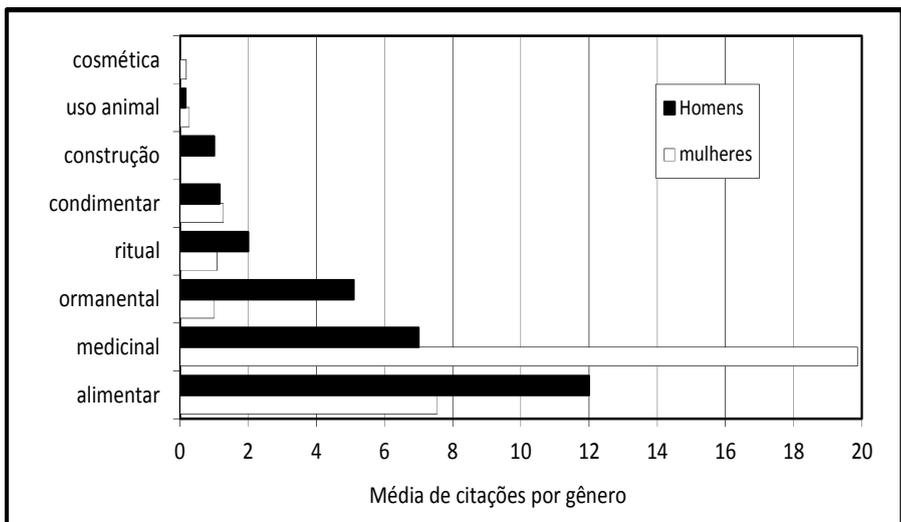


Figura 3: Número médio de citações, por categorias de uso, por homens e mulheres do bairro de Vargem Grande, Rio de Janeiro, RJ.

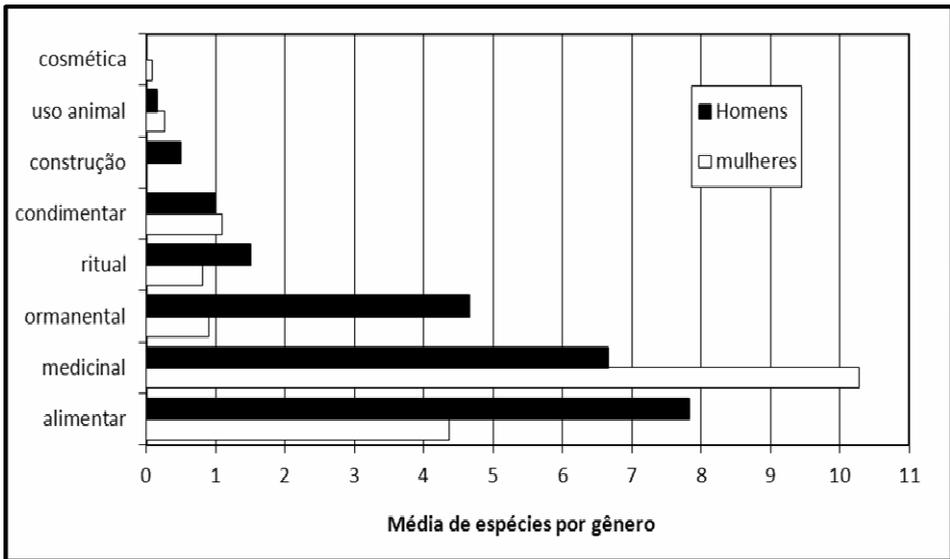


Figura 4: Número médio de espécies, por categorias de uso, citadas por homens e mulheres do bairro de Vargem Grande, Rio de Janeiro, RJ.